

Os combatentes de Cristo no Oriente: presença jesuítica na Índia durante a Modernidade

MANSO, Maria de Deus Beites. *Os jesuítas na Índia (1542-1622): Atividades Religiosas, Poderes e Contactos Culturais*. Macau: Tipografia Macau Hung Heng, 2009.

A partir dos primórdios do século XV e durante boa parte da Modernidade, o processo de expansão territorial levado a cabo pelos portugueses fez com que as fronteiras do império luso se espalhassem pelos quatro cantos do mundo, que, então, aos poucos, ia se fazendo conhecido. Sob a égide do comércio, representando os interesses expansionistas da Coroa e o desejo de expansão da fé católica, navegadores portugueses singraram mares e atracaram em portos tão distantes quanto diversos.

Em cerca de 150 anos, de 1415 - com a conquista de Ceuta - a 1557 - quando se deu a efetivação da presença lusa na China a partir de Macau - as caravelas que atravessavam os mares empunhando a bandeira de Portugal possibilitaram uma intensa circulação de mercadorias de origens variadas, como as porcelanas e sedas da China, a prata do Japão, o açúcar e o fumo do Brasil, o marfim e as madeiras da África, as especiarias da Índia. Tudo alcançando, a partir de Lisboa, os demais portos da Europa, abastecendo os sedentos mercados da época. Como consequência, Portugal mantinha contatos – fossem amistosos, fossem baseados na

violência da conquista – com povos e fornecedores do Oriente, da África e da América, estruturando um império que se espalhava por diferentes línguas, culturas, cores, hábitos e costumes, influenciando e sendo influenciado pelas trocas comerciais e atividades variadas do cotidiano.

Muito desta saga em nome do capitalismo comercial e incentivado pela expansão moderna já é conhecida pelos relatos dos cronistas de época, dos livros de bordo das embarcações, pelas informações de compra e venda de produtos, das experiências do contato com outros povos narradas por seus personagens, pelos relatos de naufrágio que nos foram legados pela história trágico-marítima. Não é de hoje que a historiografia se debruça sobre estes documentos procurando desvelar as redes comerciais, os contatos econômicos e sociais daí decorrentes, as estratégias de poder e de controle político sob os variados espaços do império. Há, também, muito a perceber destes contatos ao levar em conta os documentos que foram produzidos pela burocracia administrativa, com as minúcias do cotidiano do poder nos variados espaços do império, produzindo obras clássicas sobre o tema, assim como importantes releituras dos historiadores atuais, fazendo com que os estudos sobre o Portugal Moderno e sua presença no além-mar ganhem força.

Mas aqui nos interessa, em particular, uma outra faceta deste processo. Refiro-me aos estudos com enfoque no papel desempenhado pela Igreja e suas entidades representativas. Embora existam igualmente, há algum tempo, estudos que procuram analisar as diversas formas de implementação, controle

e estrutura de funcionamento da Igreja nos espaços do império português, e cito, só para nos limitarmos a obras recentes publicadas no Brasil, que envolvem não apenas a temática religiosa, mas ainda aquelas anteriores aqui citadas, as obras *Retratos do Império* (organização de Ronaldo Vainfas, Georgina Silva dos Santos e Guilherme Pereira das Neves. Niterói: EdUFF, 2006); *O Império por Escrito* (organização de Leila Mezan Algranti e Ana Paula Megiani. São Paulo: Alameda, 2009); *Império de várias faces* (organização de Ronaldo Vainfas e Rodrigo Bentes Monteiro. São Paulo: Alameda, 2009); ou, ainda, o considerável número de estudos sobre a criação, estrutura, funcionamento e vítimas do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, que viveu entre 1536 e 1821.

Dentre os recentes estudos que procuram analisar alguns aspectos da máquina eclesiástica que agia em Portugal e seus domínios, destaque para o recente livro de Maria de Deus Beites Manso, historiadora e professora da Universidade de Évora. Em *Os jesuítas na Índia (1542-1622): Actividades Religiosas, Poderes e Contactos Culturais*, publicado em Macau, China, pela Tipografia Macau Hung Heng, em 2009, com o apoio da Universidade de Macau e de Évora, a autora lança luz sobre um dos mais ricos aspectos da organização da Igreja no mundo português, partindo dos desejos e dificuldades dos inicianos para divulgar a palavra cristã no Oriente – uma aventura que, diga-se de passagem, também teria capítulos em outros espaços do Oriente, como o Japão e a China.

Como ainda ocorre com boa parte das publicações portuguesas, que nem sempre são publicadas no Brasil – o mes-

mo, diga-se de passagem, ocorrendo no trajeto inverso - ainda não existe previsão de uma edição brasileira deste livro, o que obriga os interessados a recorrer à importação desta edição chinesa.

Na obra, partindo de intensa pesquisa em fontes bibliográficas sobre o tema e variados códices documentais depositados em arquivos de Portugal, Itália e Índia, a autora mergulha em tema ainda pouco conhecido e analisado, a atuação dos representantes da Companhia de Jesus na Índia, desvelando as atividades religiosas e os sentidos culturais desta presença desde os seus primórdios, quando os jesuítas fixam suas bases de evangelização, em 1542, concentrando-se em dois dos principais espaços de abrangência da presença lusitana na Índia: ao Sul, em Goa, e nos enclaves do Malabar, ao Norte. Pretende a autora percorrer as diversas metodologias utilizadas pelos inicianos, comparando-as com as práticas adotadas por religiosos de outras ordens.

Ao longo da obra, a autora aborda múltiplos aspectos da história da Companhia de Jesus nos domínios portugueses, tais como o seu processo de estruturação em Portugal, a chegada dos jesuítas na Índia, as especificidades da evangelização do Oriente de movimentação portuguesa, os reflexos de Trento na ação da Companhia, as atitudes e metodologias adotadas pela Companhia, os conflitos entre os projetos de missão cristã e as outras religiões existentes na região, as diferenças e semelhanças entre os jesuítas portugueses e os de outras regiões. Enfim, um amplo e coerente panorama das intenções religiosas portuguesas no Oriente a partir de um dos principais agentes da

expansão da fé cristã na Modernidade, a Companhia de Jesus. O livro percorre, assim, desde a chegada dos primeiros jesuítas portugueses à região até a crise do Estado português e das expectativas de missionação na Índia, durante o Seiscentos.

Ao permitir um novo olhar sobre a atuação portuguesa na região, complementando as análises econômicas e políticas, que já se tornaram estudos clássicos, assim como para compreender alguns dos aspectos da presença e atuação do Catolicismo no próprio Portugal, a obra de Maria de Deus Beites Manso nasce, sem dúvida, também ela como um texto indispensável a todos que procuram entender mais esta importantíssima faceta religiosa da presença portuguesa no ultramar.

Angelo Adriano Faria de Assis

Professor Adjunto – Universidade Federal de Viçosa

As várias tintas da escrita: o encontro das artes na obra de Mário Cláudio

CALVÃO, Dalva. Narrativas Biográficas e outras artes. Reflexões sobre a escrita literária e criação estética na *Trilogia da mão*, de Mário Cláudio. Niterói: EDUFF, 2008.

Mário Cláudio (Porto, 1941) é um dos escritores portugueses mais originais das letras contemporâneas. Autor de uma vasta obra dedicada à poesia, ao ensaio, ao teatro e, principalmente, ao romance, o escritor ganha cada vez mais destaque por sua literatura sedutora

e crítica, que exige um público leitor atento, capaz de decifrar a fragmentação e a hibridez de gênero dos seus textos. Desde a sua estreia com o livro *Um verão assim*, publicado em 1974 (ano da Revolução dos Cravos e consequente abertura política de Portugal), Mário Cláudio se dedica a uma produção voltada para a representação da escrita e da criação estética, num exercício intertextual, que encena os limites entre o real e o ficcional.

Uma característica marcante entre a produção do escritor português é a produção de Trilogias. Aqui, nossa atenção está voltada para a *Trilogia da mão*, que reuniu, em 1993, os romances *Amadeo* (1984), *Guilhermina* (1986) e *Rosa* (1988), baseados na vida do pintor Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918), da violoncelista Guilhermina Suggia (1885 – 1950) e da ceramista Rosa Ramalho (1888 – 1977). Neste conjunto, a relação entre a literatura e a biografia se mostra inquieta, pois o referencial real se mistura ao trabalho de criação estético-ficcional de Mário de Cláudio, o que nos leva a pensar no encontro entre as mãos do pintor, da violoncelista e da ceramista com a mão do escritor, colocando em diálogo as várias manifestações artísticas.

Nesse sentido, são várias as obras de Mário Cláudio que transitam pela intertextualidade, ao aproximar a literatura de outras artes, como a pintura e a música, ou outros campos do saber, como a história. O biografismo, presente na *Trilogia da mão*, também aparecerá em outros romances como *A fuga para o Egito* (1987), no qual encontramos o pintor italiano Tiepolo, *As batalhas do Caia* (1995), em que o escritor Eça de

Queirós, transformado em personagem, poderá terminar o romance nunca escrito, ou ainda *Gêmeos* (2000), com o qual acompanhamos os últimos anos do pintor espanhol Goya, entre tantos outros.

Diante de tantos elementos que tornam a leitura das obras de Mário Cláudio um momento de prazer e, ao mesmo tempo, de desafio, encontramos ainda uma certa escassez de trabalhos científicos sobre o escritor português, o que pode ser justificado, em parte, pelo difícil acesso a suas obras, já que poucas se encontram disponíveis em edições brasileiras. Por este motivo é de extrema importância apresentar o trabalho da Professora Doutora Dalva Calvão, que se dedica a estas obras, desde a sua pesquisa de doutorado. Pesquisa esta que chegou a público em 2008, através do livro “*Narrativas biográficas e outras artes*” reflexões sobre a escrita literária e criação estética na *Trilogia da mão*, de Mário Cláudio”, fruto da sua tese de doutorado defendida em 2000 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, publicado pela editora da Universidade Federal Fluminense (EDUFF), onde a professora atua desde 1994.

Em “*Narrativa biográfica e outras artes*”, Dalva Calvão, antes de mais nada, deixa falar as obras de Mário Cláudio que compõem a *Trilogia da mão*, apresentando o jogo estabelecido pelos seus narradores, que parecem transitar de uma obra para a outra. A professora

afirma que a leitura pode ser realizada de forma individual, ou seja, a compreensão de *Rosa* não depende da leitura de *Amadeo*, por exemplo, mas ressalta que o desejável é a leitura completa e sequencial dos romances da *Trilogia*.

A autora ainda se volta para a questão da fluidez dos gêneros literários na ficção contemporânea, presente em *Amadeo*, *Guilhermina* e *Rosa*, onde encontramos a narrativa, a biografia, o diário, entre outras possibilidades textuais, o que para Dalva Calvão torna complexa a estrutura das obras, pois podemos encontrar nestes livros dados do real, da vida dos artistas biografados, mas que receberam um tratamento literário das mãos de Mário Cláudio. Mas o escritor português vai além, pois o exercício intertextual é concretizado quando o texto literário dialoga com as obras dos biografados.

Ao acompanhar as “reflexões sobre a escrita literária e criação estética” realizadas por Dalva Calvão, somos apresentados não só à obra de Mário Cláudio, mas também à pintura de Amadeo, à música de Guilhermina e à cerâmica de Rosa. Não conhecemos somente a *Trilogia da mão*, mas o encontro das mãos que torna possível a realização estética das várias tintas da escrita.

Roberta Guimarães Franco

Doutoranda em Literatura Comparada – Universidade Federal Fluminense. Professora Substituta do Departamento de Letras, Universidade Federal de Viçosa